

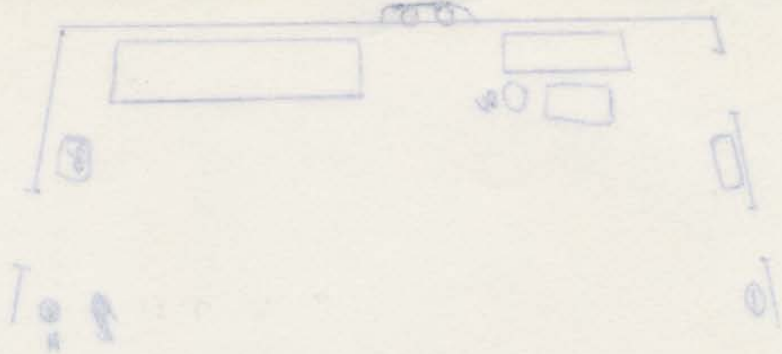


O

Milhafre

DRAMA em 3 actos, original de

ARIANDO CORTES-RODRIGUES



P E R S O N A G E N S

- ANTÓNIO - Trinta anos. Olhos escuros. Gestos de mansidão e bondade. Calmo. Longo convívio com a terra.
- MANUEL - Vinte e quatro anos. Olhos claros. Arrebatado e impulsivo. Alma que já sofreu a sedução das cidades.
- ROMEIRO - Quarenta e sete anos. Tipo de camponês. Veste o traje característico dos romeiros: fato de estamena, debruado com cadarço preto, um lenço enramado na cabeça e amarrado atrás. Um chaile e uma saca vermelha ao ombro. Um bordão e um rosário.
- MARIA - Vinte e cinco anos. Olhos castanhos. Esbelta e formosa na sua mocidade em flor. Lealdade e constância. Mulher de António.
- GLORINIAS - Cinquenta anos. Veste de escuro como convém a uma viúva. Começo de velhice de uma longa vida de trabalho. Prudência e justiça. Mãe de António e de Manuel.
- CORBINA - Vestida à moda do povo, mas com manifestos sinais de abastança. Maldade e inveja. Quarenta e cinco anos. Magra. Olhar frio.
- TIA CAMELA - Traja de mendiga, mas com rigoroso aceio. Curvada. Oitenta e cinco anos. Cabelos de neve, olhar bondoso. Uma grande paz interior que se lhe reflecte no rosto. Velhice robusta e saudável.

NA ILHA DE S. MIGUEL DOS AÇÓRES

ANTES DA GRANDE GUERRA

A C T O P R I M E I R O

Numa aldeia de S. Miguel, retirada e pacata, Casa de gente pobre. Chão de pinhos frescos.

Ao fundo à esquerda, uma cómoda decorada ao gosto popular: um oratório, um crucifixo e vários santos, castiçais de metal amarelo, vasos da Lagôa, retratos de família. À direita uma cama de estado, alta, colchão de folha irrepreensivelmente direito, colcha de Água de Pau, travesseiro, duas almofadas e um grande roda-pé branco, engomado e com rendas. A meio e escavada na parede, a capoeira: dois potes de barro vermelho e um pucarinho.

À E.A. uma janela que dá para a rua: está fechada, mas as bandeiras estão abertas à moda de postigo e só nelas há vidros. O resto tudo madeira.

À E.B. uma porta dando também para a rua. Entre a janela e a porta um banco de quatro pés com sacos de novidade, ao alto e deitados.

À D.B. uma única porta, comunica directamente com a cozinha.

Cadeiras de pinho branco, bancos redondos toscos e usados.

No chão junto da cómoda uma esteira com um cesto de costura contendo linhas, tesouras, etc., e alguns pedaços de pano branco, dando a impressão de um trabalho interrompido.

Serve de tecto o sobrado do sótão, em todo o comprimento do quarto, já amarelecido pelos anos.

Em tudo um grande ar de pobreza, mas de certo conforto, de accio e de ordem. No verão. Dia alto. Em Setembro e pelas vindimas.

ooo O ooo

Ao subir do pano a Tia Camela vem atravessando a cena, lentamente, como quem acaba de entrar. Ouve-se, lá dentro, a voz alegre duma ra pariga cantando, na cadência do pézinho:

Quero cantar mas não posso,
Falta-me a respiração,
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração!

TIA CAMELA

Não podes, mas vais cantando. Ah! mocidade... mocidade...

do centro
Pára a escutar. A mesma voz, lá dentro, amorosa e fresca:

Se tu soubesses, amor,
Como está meu coração?!
Está como a própria noite
Cercado de escuridão.

TIA CAMELA *parte da porta V.*

Maria! Eh! Moça!

MARIA, de dentro

Já lá vou! Já lá vou!

(Tia Camela retrocede e vai *senta-se* num banco *W!* à espera)

MARIA *V.B. a 2*

Foi um instante...

TIA CAMELA *dest.*

Pudera, pois se foi só chegar e voltar...

MARIA *aproxima-se dela*

Sempre emprestaram?

TIA CAMELA

Fortes dúvidas. Aquilo é boa gente, Maria. Mandam isto por agora e se quizesse mais alguma coisa, que pedisses, sem receio, que cá viria ter.

MARIA, recebendo o embrulho

Deus lhe pague, Tia Camela. (Abre-o e tira uma camisinha para criança, uma touca e um vestido comprido, mirando tudo com interesse)
Tão engraçado, não é?

TIA CAMELA *senta-se*

Nosso Senhor te dê muitos anos de vida, que é para fazeres esses e outros e para lograres os teus filhos.

MARIA

Obrigada. *sobe e vai pôr as roupas e o papel no cadeira de V.B. junto à cama*

TIA CAMELA

Vou-me chegando...

MARIA

Deixe-se estar para aí. Que pressa lhe deu agora?

TIA CAMELA

Nada, que hoje não quero perder as esmolinhas.

MARIA *volta-se e diz*

E que tal? Tem tirado alguma coisa?

TIA CAMELA

Vamos andando. Deus nunca falta à pobreza. (Levantando-se) Minha filha, ninguém sabe para o que nasce neste mundo. Quando me lembro que já fui nova como tu e alogro e casada e com alguma coisa de meu... e me vejo agora reduzida a viver das esmolas dos outros... *e volta-se e diz*

MARIA

Voltas que o mundo dá...

TIA CAMELA

De maneira que é preciso, neste dia, ir correndo os benfeitores.

MARIA

É verdade que hoje é sábado. Não me lembrava.

TIA CAMELA

É o melhor dia da semana, cá para nós. Já lá diziam os antigos:

Não há sábado sem sol,

Nem Maria sem ventura.

Já vês que hás-de ser afortunada.

MARIA

Eu? Oxalá, Tia Camela. Mas não me parece.

TIA CAMELA

Porquê?

MARIA

O meu António anda com aquela fígada de embarcar para a América...

TIA CAMELA

Mau é isso. Ninguém deve separar o que Deus juntou. Há-de lhe passar. Pede-lhe tu para não ir, que ele fica.

MARIA

Isso sim!

TIA CAMELA

Verás. Os homens fazem sempre o que as mulheres querem. *volta-se e caminha para a porta*

MARIA

Nem todos. *vai à cadeira junto à cama buscar as roupas e volta à cómoda, deitando-se na esteira a coser*

TIA CAMELA *volta-se para o f*

Deixa lá. Vocês casaram-se é para se lograrem, nanja para andar cada um para seu lado. Ora experimenta a falar-lhe nisso.

sobe com um copo de variação

MARIA

Parece-lhe?

TIA CAMELA

Depois me dirás. E haja saúde. *deixa para a porta*

MARIA

Haja saúde.

(Tia Camela sai. Maria continua sentada na esteira, trabalhando na roupa de criança)

V.B. a 2
GLORINHAS, vinda da cozinha, suja de farinha como quem esteve a trabalhar; lénço branco na cabeça.

Valha-me o Senhor Santo Cristo. Tem sido um nunca parar. Logo duas cozeduras esta semana!

MARIA

Porque não me chamou para lhe acabar de ajudar?

GLORINHAS *slh*

Teimas de gente velha. Enquanto me puder ir botando ao serviço...
(Senta-se fatigada) Mas isto já vai para pouco.

cadeira do fundo do maris, que está sentada no chão

MARIA

Isso é que é falar! (pausa) Esta semana valeu pelas outras em que se quiz cozer e não houve com quê.

GLORINHAS

É verdade que sim. Olha que uma fome destas nunca se viu. O meu João, que Deus tenha, falava do ano da fome, quando ainda era garoto... Já lá vai um ror de anos! Nem eu me lembro de tal coisa. Mas sabe-se lá se seria igual?

MARIA

Há quantos anos morreu o tio João?

GLORINHAS

Vão fazer agora vinte pelo S. Miguel. O teu António já era um moço. Andava à laranja em casa do senhor Morgado. Um franganito de dez anos e já aquilo era sisudo e trabalhador que era um gosto ver. Gostavam muito dele, lá os filalgos. Um dia o Morgado velho chamou-o: "diz, lá à tua mãe que, quando vier o senhor Bispo, quero ser o teu Padrinho".

MARIA

E é que foi.

GLORINHAS

Tive esse gosto. Deus lhe fale n'alma. Era muito bom senhor, Foi um pai para o meu filho. Roupa não faltava ao pequeno e ateimou, ateimou, enquanto o meu João não o mandou para a escola não houve modos de descansar. Quando chegou o tempo das sortes não tivemos mais aquelas. Estou a vê-lo, ali, à porta: "Senhora Comadre dou-lhe os parabéns que o seu filho já está livre de ir servir o rei". Foi um dia de festa cá em casa. Bom arranjo nos fez.